

ÚLTIMO DISFARCE

Leilac Leamas

© 2025 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
ÚLTIMO DISFARCE

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2025 (1.^a Edição)
Referência Interna SP2025.01 | 15.04.2025 | 13:04
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



*Aos Don Pablos deste mundo
os que recusam dobrar a espinha,
mesmo com a faca no ventre.*

*Às Francescas
que mordem o sangue e cospem fogo,
ainda que lhe tremam os pulsos.*

*Às Mariangelas
que partem por dentro e voltam por vontade,
porque só aí mora a liberdade do amor.*

Prólogo

Choveu a noite inteira. Não uma chuva decente, frontal, mas uma espécie de respiração húmida que se infiltrava pelas frestas da varanda e me irritava os ossos. A pedra ainda pinga. E eu, sem sono, sem remorso, só com aquela inquietação mansa de quem não sabe se sobreviveu à noite ou apenas não morreu o suficiente.

Ontem, à mesa, o silêncio era mais denso que o vinho. A Francesca falou pouco. Os olhos dela, sempre meio nublados, perscrutavam qualquer coisa em mim como se procurassem uma falha, um tremor, ou uma resposta que nunca prometi dar. Disse-me que voltava hoje. Ou talvez não tenha dito nada. Já não distingo o que se diz do que se deseja que tivesse sido dito.

A Mariangela não apareceu. Nem uma mensagem. Nem uma ausência explícita. Só o vazio dela — esse sabe sempre chegar, pontual, quase elegante. A ausência dela tem cheiro. Um perfume seco, com notas de ironia e manjerição — um rasto que me encosta ao que nunca soube ser.

Saí antes da luz. Levei o casaco castanho, o das noites frias em Ferrara, aquele que ela uma vez me arrancou no corredor de um hotel sem nome. Estava calor, mas precisei dele. Era como se o tecido soubesse coisas que a pele já esqueceu.

Sentei-me na rocha onde o mar bate torto, ao fundo da escadaria velha. Ouvi as gaivotas a mentirem ao céu e senti o sal nos tornozelos, como quem leva pontapés de uma infância que se perdeu entre

aeroportos. Tinha o papel no bolso. A carta que escrevi para ela e não tive coragem de enviar. Estúpida. Bela. Crua.

“Se vieres, tenho vinho e o meu silêncio inteiro. Se não vieres, que o vinho me cale. A Francesca tem a noite, tu tens a dúvida. Escolhe. Ou deixa-me cair.”

Lancei o papel ao mar dentro de um frasco. Um gesto de postal ilustrado, eu sei. Mas precisei. Precisava de fingir que ainda havia destino, corrente... acaso. Que alguma coisa me levaria de volta a mim mesmo. Depois ouvi o som de um carro a subir: um motor antigo; um cheiro a diesel; e a terra molhada presa às rodas. Não me virei. Aprendi que o que vem, vem sempre quando já não esperamos. Ou quando já não importa.

Hoje sei: não há mais disfarces. Só restam os restos. O corpo, a memória e o cansaço. O nome Leilac, já não me protege. Já todos sabem quem eu sou. Deixei que soubessem, advogados, juízes, espões, amantes... todos.

Talvez o último disfarce seja escrever.

Ou mentir que ainda sei amar.

1

O Peso dos Tijolos do Don Pablo

Scopello, 18 de abril de 2025

O Don Pablo andava arrastado. Literalmente. Os pés dele, que já tinham dançado nas bolsas como quem pisa uvas para vinho velho, agora arrastavam-se como tijolos pesados no barro da Vinagra. Viam-se as marcas no pó, como sulcos de um boi cansado. Às vezes, pontapeava galinhas. Outras vezes, cães vadios. Mas era mais raiva de si do que dos bichos — isso eu sabia. Porque eu também a sentia. A diferença era que ele já não escondia. Eu ainda tentava disfarçar com frases curtas e caminhadas longas.

O que lhe ardera não era apenas o dinheiro. Foi mais de um milhão, sim. Mas isso, para o Don Pablo, era como perder um dente de ouro num rio: mergulha-se, vasculha-se, e volta-se com outro — ou com dois. Não era o dinheiro. Era a merda da injustiça. A aldrabice. Ter acreditado em alguém — um daqueles filhos da puta de fato de risca de giz à medida, cabelo lambido para trás com óleo de atum e discurso de aldrabão — e ter sido traído desde a primeira conversa. Foi isso que o fodeu. A confiança como arame farpado à volta do pescoço ainda o impedia de engolir o resultado — e a mim também.

E eu... eu não consegui protegê-lo. Isso come-me. Porque tentei. Dei voltas. Fiz chamadas a horas impróprias. Joguei dentro das regras, que é como quem tenta domar um urso com palavras doces.

Para o salvar, teria de ter saltado a cerca. Entrar e rebentar tudo por dentro. Mexer onde não devia. Quebrar códigos e violar *firewalls* humanas e jurídicas. Desligar pessoas com a mesma frieza com que se desligam máquinas. Sacrificar o último fiapo de legalidade que ainda me restava.

Mas hesitei. E nessa hesitação, ele ardeu.

Não o fiz. E agora pergunto-me se falhei por prudência ou por covardia.

A Mariangela não apareceu. Isso não ajudou. Nem uma mensagem, nem um ruído na noite. Fiquei com o vinho posto, a vela acesa e a cara de quem espera por um milagre numa tasca abandonada. A ausência dela colou-se ao que eu já carregava do Don Pablo e juntos formaram uma pasta densa, agridoce, que me tapou o estômago.

Safou-me estar em Scopello.

Porque aqui, mesmo o fracasso tem som de mar.

E isso, de algum modo, ainda me lembra que estou vivo.

O telefone tocou com aquele som seco, retro, quase insultuoso, que me apanha sempre a meio de um pensamento. Naqueles dois segundos antes de ver o nome no visor, desejei que fosse ela, a Mariangela. Não com explicações, que dessas já estou farto, mas com um gesto simples, firme e concreto: “Atrasada. Cheguei. Estou em casa, em Scopello. Abri um vinho para respirar. Vem.”

Essa imagem — ela com o cabelo solto de forma desleixada, a garrafa sobre a mesa de madeira maciça e o olhar como quem sabe que voltar é mais difícil que partir — era o meu único pedido não escrito ao universo.

Mas não era ela.

Era a Francesca.

Atendi com aquele tom meio engolido, entre a esperança partida e a polidez automática.

— “*Vieni a pranzo. Voglio che conosci una persona,*” disse ela, sem rodeios.

Não era um convite. Era uma convocatória. A Francesca não convida, ela decide. E quem não aparece, é lido como desistente.

Não perguntei quem. Mas imaginei. Talvez fosse aquele tipo, o siciliano emigrado na América, que fugiu das loucuras do Trump e

voltou para cultivar tomates e distribuir sarcasmo pelos bares de Palermo. Tinha cara, pela conversa da Francesca, de quem já sobreviveu a três golpes de Estado e dois casamentos mal-paridos.

Claro que ia.

Que outra merda podia fazer? Ficar ali a remoer a ausência da Mariangela, a imaginar diálogos que nunca existiram, ou a reescrever a carta que nunca enviei?

As férias judiciais estavam no fim, sim. Mas por obra da teia absurda de feriados nacionais, o 25 de Abril, dia em que Portugal vai pôr cravos nos ombros e fingir que ainda acredita na liberdade, oferecia-me um pequeno milagre: mais uns dias de suspensão, mais um bocadinho de nada antes de o mundo voltar a julgar-me.

Respirei fundo, olhei para o mar com aquele ar de quem sabe que vai, mas não espera nada.

Percebi que o mundo não me devia nada. Mas a justiça, essa, continuava-me a dever ao Don Pablo.

E eu ainda não decidi se vou cobrar com recibo ou com pólvora.

Vesti a camisa de linho cinzento — aquela que a Mariangela detestava — e saí com o andar de quem já perdeu mais do que aquilo que quer confessar, e fui.

Porque, às vezes, a única forma de não se afundar é caminhar em direcção ao próximo absurdo.

2

Almoço com a Francesca

Palermo, 18 de abril de 2025.

O jardim escondia-se por trás de um portão de ferro forjado, retorcido como o pensamento em véspera de traição. A entrada era discreta: um degrau rachado, duas buganvílias em guerra com a parede e o cheiro impossível do tomilho queimado. Lá dentro, o tempo tinha dentes. Não devorava, roía, cuspia e lambia as sobras. A Osteria dei Vespri era uma boca velha, sofisticada por fora e com gengivas de fera domada por dentro. Não falava, ruminava. Era um lugar, civilizado apenas à superfície. Duas mesas ocupadas. Três empregados em modo espectral. E uma luz de fim de abril que se encostava aos objectos como quem pede desculpa por ter nascido bonita e envergonhada da própria transparência. Era uma luz que não queria ser notada, mas que revelava tudo, desde a unha gasta da cadeira do canto, até à nódoa de vinho que alguém tentou esquecer num guardanapo de pano dobrado com raiva.

A Francesca já estava sentada. Perna cruzada com aquele tédio performativo que ela sempre usava quando queria parecer ausente. O cigarro apagado entre os dedos — só a cinza ainda viva.

— “Estás atrasado.”

— “O mundo não acaba à hora que te apetece,” disse-lhe, sentando-me sem pressa.

Ela não sorriu. Levantou o queixo. E foi aí que vi o homem.
Tancredi Lo Presti.

Estava de pé, encostado ao pilar como se fizesse parte da estrutura do restaurante. Alto. Ossatura afiada, como se o crânio quisesse furar o mundo. Pele queimada de sol e de mágoa. Um casaco de linho bege, amarrotado como as almas que atravessaram demasiadas fronteiras. E uns olhos — merda, os olhos — como se alguém tivesse atirado duas pedras de lava ao mar e elas tivessem aprendido a olhar.

— “Este é o Leilac,” disse a Francesca, sem me olhar. “O homem de quem te falei.”

O Tancredi não estendeu a mão. Fez um gesto quase imperceptível com a cabeça, como se aceitasse a minha existência, mas não a minha presença.

— “E tu és o tal siciliano que fala com californianos.” — Apon-tei-lhe a cadeira. — “Senta-te. A Francesca só convida monstros ou aliados. Ainda não decidi qual és.”

Ele sentou-se. De lado. Como quem quer estar pronto para se levantar a qualquer instante. O empregado aproximou-se. A Francesca pediu um Passo del Lupo, Nero d’Avola, sem consultar ninguém. A arrogância dela era a mesma de sempre, mas adorável. Ela decidia o vinho como quem escolhe um campo de batalha.

— “A Francesca contou-me o suficiente para eu vir,” disse o Tancredi, finalmente. A voz dele era grave, mas com uma espécie de areia nos intervalos. “Mas não contou o suficiente para eu confiar.”

— “Nem eu confio,” respondi. “Mas estou aqui.”

Silêncio.

Veio o vinho. Veio o pão. Vieram os olhares. Ninguém tocou em nada.

— “O algoritmo do X, o antigo Twitter, já não responde ao código. Há pedaços soltos, entropias ao sistema. A tua amiga aqui tem experiência a infiltrar-se em labirintos.” — Ele apontou com o queixo para a Francesca. — “E eu tenho o mapa.”

A Francesca levantou o copo. Bebeu como quem sela um pacto. Depois encostou-se à cadeira, deixou o sol desenhar-lhe o perfil e falou.

— “Ele tem documentos. Parte deles vieram de Oakland. O resto está numa *cloud* obscura usada há anos. Se o que ele diz for verdade, o X está a ser manipulado por dentro.”

— “Estou a ver,” murmurei.

O Tancredi inclinou-se para a frente. O rosto agora a um palmo do meu. Cheirava a limão velho e pólvora adormecida.

— “Tu queres justiça, dinheiro e talvez uma ajuda a atacar a Ambezzo. Eu quero desforra. A Francesca quer sobrevivência. Se juntarmos os três desejos, talvez consigamos um estrago bonito.”

O empregado trouxe o *antipasto* — *pecorino* siciliano, presunto e alcachofras em conserva caseira. O queijo era duro, como o olhar do Tancredi. A Francesca cortou um pedaço e ofereceu-me com os dedos, não com o garfo. Recusei. O Tancredi aceitou e lambeu-lhe os dedos sem pedir licença.

Havia códigos em jogo ali. E nenhum era de etiqueta.

— “Qual é o teu preço?” perguntou-me.

— “O meu preço? Eu não tenho preço.”

Ele sorriu. Ou quase. Um sorriso com os dentes ainda fechados, como quem não abre portões antes de ouvir o trovão.

— “Todos têm um preço.”

Ele bebeu. Depois limpou a boca com o guardanapo de pano como quem apaga uma resposta.

A Francesca não reagiu. Nem uma sobranceira. Nada. Apenas mudou de posição, cruzando as pernas ao contrário.

— “O meu é não ter ninguém a mandar em mim. Só isso,” respondi, sem muitas considerações.

O Tancredi mordeu um canto do lábio. Não estava a tentar intimidar. Estava a medir.

— “Eu não quero mandar em ti.”

— “Ótimo. Fala claro.”

— “Quero que me ajudes a destruir o X. Nada mais.”

— “Diz-me como.”

Ele pegou no guardanapo, limpou a boca. Depois falou com uma frieza estudada.

— “Tenho acesso a documentos internos. *E-mail* corporativo, *logs* de moderação, *scripts* que nunca deviam ter sido usados, muita coisa. Vieram de dentro. De um ex-funcionário em Oakland.”

— “Estão na tua posse?”

— “Estão numa *cloud* privada. Encriptada. Dou-te o acesso. Só leitura.”

— “Confio tanto em *clouds* como em ministros das finanças.”

— “Não quero que confies. Quero que leias. Vais perceber logo o que tens em mãos.”

A Francesca pousou o copo. Não estava ali para embelezar nada.

— “O material é sólido. Não é lixo conspiratório. É técnico. E está organizado. Ligações diretas a moderadores pagos, manipulação de *trends*, interferência na UE. Especialmente em campanhas ambientais.”

— “Com prova?”

— “Sim. Nomes, datas, pagamentos. Alguns em criptomoedas. Tudo lá.”

— “O que queres de mim, exactamente?”

— “Quero que uses o que tens. Tens acesso a equipas legais. A fundações, associações, dás-te bem com a doutrina, conheces juízes, principalmente em Espanha. Tens contactos na Bélgica. Preciso de ti para montar *class actions*, influenciar eurodeputados e expor isto como escândalo.”

— “Estás a contar com o Tribunal de Justiça da União Europeia para julgar uma plataforma?”

— “Estou a contar com pressão. Políticos com medo, jornalistas famintos e reguladores que não querem parecer inúteis.”

— “E achas que isso chega para deitar o X abaixo?”

— “Não. Mas chega para os enfraquecer. Para obrigá-los a vender ativos. Para os meter a correr atrás do prejuízo. Para levarem uma multa milionária da Comissão Europeia”

— “E depois?”

— “Depois é contigo.”

Ficámos em silêncio. A Francesca olhava para o prato como se aquilo tudo fosse normal.

— “Sabes que se fizer isto, estou dentro até ao fim.”

— “É o que eu espero.”

— “E o teu papel?”

— “Obter dados. Cruzar fontes. Passar-te tudo. Desaparecer no final.”

— “E tu, Francesca?”

Ela olhou-me sem hesitar.

— “Eu certifico-me que não nos enterram vivos no processo.”

— “Vocês os dois confiam um no outro?”

— “Não,” disse ela.

— “Não,” disse ele.

Respirei fundo. Sabia o que aquilo era. Sabia o que me iam pedir a seguir.

— “Preciso ver os documentos. Preciso falar com os meus. Preciso de garantias de que o que vou fazer não é um tiro no escuro.”

— “Vais recebê-los hoje. Às 20h. *Link* temporário. Três horas para ver tudo. Depois desaparece.”

— “E se for uma armadilha?”

— “Então é uma armadilha muito bem feita.”

— “E o que ganhas com isto, Tancredi?”

— “Nada que se compre.”

— “Alguém te paga?”

— “Não.”

— “Estás a trabalhar para quem?”

— “Para alguém. Alguém que que ver o X a sangrar.”

Levantei-me. Deixei cem euros em cima da mesa.

— “Se o que dizes for verdade, amanhã começo.”

— “E se não for?”

— “Nunca mais ouves falar de mim.”

Saí sem olhar para trás.

A luz de Palermo batia nas paredes a lembrar-me que ainda era dia. O mundo estava podre. Mas pelo menos ainda havia forma de abrir feridas certas.

Saí e o sol bateu-me como uma sentença curta.

Palermo cheirava a... Palermo, com aquele seu odor próprio a pedra calcária e fruta podre. Palermo é sempre mais honesta nos dias feios e mal cheirosos. A beleza ali tinha pó nos cantos e isso consolava-me.

As ruas vibravam com o ruído dos carros velhos, com as vozes dos velhos mais velhos ainda e com a pressa dos que nunca tiveram tempo para ser jovens. Caminhei sem pensar no caminho. O corpo ia, o resto não.

Atravessei a rua, não com a pressa de quem quer chegar a lado nenhum, mas porque não quer ficar ali.

Pensei na Mariangela. Outra vez. É uma praga. Não aparece. Não avisa. Não diz um caralho. Só se dissolve devagar como um comprimido na água, deixando um sabor amargo e bolhas no fundo do peito.

Tirei o telemóvel. Nada.

Mensagens? Nenhuma.

Liguei? Não.

Nunca liguei a quem me deixa a falar sozinho. É uma regra simples. Talvez estúpida.

Ouvi passos atrás de mim.

A Francesca vinha a correr. Os saltos batiam no empedrado como se fosse guerra.

— “Leilac.”

Parei. Não me virei logo. Esperei que ela se encostasse a mim com o corpo, não com palavras.

— “Preciso que penses nisto,” disse, ofegante.

— “Já estou a pensar.”

— “Não como operador. Como homem.”

— “Não sei se sou mais isso. O que queres?”

— “Quero isto. Este projeto. Esta merda toda.”

— “Porquê?”

Ela agarrou-me o braço. Apertou. As unhas estavam curtas. Havia raiva ali.

— “Porque estou a ficar morta por dentro. E tu sabes o que é isso.”

— “Vai para Roma. Pede a reintegração na DIA. Eles aceitam-te de volta. Tu própria me escrevestes a dizer isso.”

— “Não quero. Roma está podre. E eu já dei tudo o que tinha a dar. Quero trabalhar como tu. Com gente minha. Sem uniforme. Sem *dossiers* oficiais.”

— “E achas que isto é diferente?”

— “Não. Mas ao menos escolho. Ao menos estou viva. Percebes? Preciso de estar viva. Preciso de acordar e ter de decidir se minto ou não. Se ajudo ou fodo alguém. Preciso disso. Preciso de sujar as mãos outra vez.”